

são emocional de afeto também são esperadas e podem persistir por horas, dias ou semanas.

Sempre que a perda for previsível, é recomendável oferecer uma consulta para que o profissional avalie as interações e vinculações do pet e, preventivamente, realize uma série de pequenas modificações, de forma gradual, para auxiliar nessa transição. O objetivo é fazer com que a ruptura do óbito não aconteça de uma forma brusca e que o animal consiga se adaptar da maneira mais suave possível à nova rotina.

“Quando não é possível prever a perda, e as mudanças de comportamento permanecerem por mais de 12 semanas, impactando significativamente o bem-estar do animal e da sua família, é hora de procurar ajuda especializada”, aconselha Fabiano.



**A labradora Dama sentiu muito a perda do companheiro Grafite**

Caso a depressão seja constatada, as prescrições veterinárias acontecem em três frentes, a depender da gravidade: manejo ambiental, no qual são identificadas novas necessidades que podem ser acessadas pela mudança no ambiente; modificação comportamental, que inclui treinos e atividades para contornar os problemas de forma lúdica e gentil; e, em alguns casos, a indicação de suplementos alimentares ou psicofármacos (antidepressivos e ansiolíticos).

Os bichos que sofrem com a perda de um companheiro, normalmente, desenvolveram ao longo da sua criação muitas habilidades sociais e emocionais. Joanna recomenda que estas sejam mantidas o máximo possível. “Se a pessoa ou o pet que faleceu eram figuras de

referência para o animal, ele provavelmente escolherá outro membro familiar para se vincular e se adaptar ao vazio que ficou. Não é uma substituição, é uma relação nova.” Carla Machado, adestradora, terapeuta integrativa para animais e enfermeira veterinária, sugere, ainda, o uso de terapias, como florais e aromaterapia, como auxílio.

É muito importante oferecer uma rotina o mais próximo possível da que ele tinha antes e evitar outras grandes mudanças. Ademais, entender que os problemas comportamentais que surgem em resposta à perda não são intencionais, mas, sim, a expressão de necessidades não atendidas, é fundamental. Portanto, esses pets jamais devem ser punidos, sob o risco de agravar intensamente o quadro.

E quando se trata do luto pela morte de um pet, vale adotar outro posteriormente? Bom, a adoção é uma grande mudança na vida de todos da família. O animal que faleceu tinha individualidades, e a vinculação entre os dois companheiros, que foi construída ao longo do tempo, não se repetirá. Além disso, tal decisão envolve muita responsabilidade e não deve ser baseada apenas na necessidade do peludo, mas nas disponibilidades e capacidades da família como um todo.

Dito isso, a adoção de um novo pet pode ser positiva ou uma grande furada. Alguns animais se beneficiam; outros, não. E, na tentativa de ajudar, muitas pessoas se arrependem dessa atitude. O ideal é considerar a orientação de um profissional, até para identificar a compatibilidade entre os dois. Para Fabiano, se a família não tiver experienciado todas as fases do luto e superado a separação, comparações serão inevitáveis, gerando um sentimento de frustração.

“Além do mais, se a morte foi a de um bichinho idoso, é válido lembrar que filhotes dão muito trabalho, até serem educados”, completa. Carla é categórica: “Se você optar por adotar um novo animal, que seja pelo motivo de realmente querer um outro bicho e não para suprir o luto”.

## **A dor da ausência e a bravura do recomeço**

Quando a servidora pública aposentada Cynthia Bertholini recebeu a notícia que o marido havia sido diagnosticado com Alzheimer, em 2017, o clima já era de desalento. Havia perdido há pouco sua vira-lata Cacau, em decorrência de uma cirrose crônica. Nos anos seguintes, o mesmo sentimento se repetiria com

outros quatro cães: Mussum, irmão de Cacau; Grafite, um fox paulistinha; e os irmãos labradores Blecaute e Dama. A relação entre o grupo mantinha-se desde 2009.

Grafite, com quem o casal era mais próximo — o pequeno dormia entre os dois — desenvolveu um comportamento muito interessante com Levi, marido da tutora. Passou a ser uma espécie de guardião, acompanhando-o sempre e só saindo de perto ao perceber que ele estava bem. “A cada técnica nova que entrava para ficar com Levi pelo home care, Grafite simplesmente se colocava ao lado, de prontidão, como quem diz: ‘eu vou tomar conta dele, ok?’”, relata.

No início do ano, o fox paulistinha passou por um câncer de pele e insuficiência renal. Com quase 14 anos, a família evitava qualquer procedimento cirúrgico e, gradualmente, o peludo já não comia e estava muito fraco. No dia em que se foi, recebeu do tutor protegido, que já não se locomovia e passava por um processo de demência, um singelo carinho na cabeça. Foi o suficiente, porém, para ir em paz.

Para quem ficou, sobrou a saudade. Lila, a gata parceira de Grafite; Dama, sua amiga de longa data; e a vira-lata Amora, adotada recentemente, não comeram neste dia. Mussum e Blecaute já haviam falecido. Cynthia acredita que esse fato abalou mais ainda a saúde da labradora, que já estava fragilizada e não conseguia se levantar mais. Dois meses depois da partida de seu companheiro, Dama teve um AVC e também se foi.

Para Amora e Lila, mais um baque. “A casa ficou vazia e foi como se eu tivesse fechado um ciclo canino. Iniciei, portanto e aos poucos, uma nova fase”, conta. Chegaram, então, as vira-latas filhotes Nena e Gaya. Em agosto, no entanto, a família precisou lidar com mais uma perda, dessa vez, do tutor. “Levi partiu em meus braços. Na véspera, durante um procedimento médico, Amora estava presente e colocou as duas patinhas na beira da cama. Foi como se estivesse se despedindo.”

Para Cynthia, existe, nos bichos, um luto que é diferente. “Eles sentem nossa dor, sabem o que está acontecendo, e isso é muito especial.” Depois da morte do Grafite, Lila ficou muito mais agarrada à tutora, dormindo todas as noites colada em seu pescoço. Para a servidora pública, o que seguiu a sua sanidade durante todo esse período foi a presença de seus bichos. “Os familiares ajudaram, mas meus pets foram imprescindíveis.”

**\*Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**